

EDUCAÇÃO E IDENTIDADE: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM HIP HOP

Jonas Goulart Medeiros¹
Maria Fernanda Tavares²
Luciane da Costa Cuervo³

RESUMO

Este relato de experiência produzido por licenciandos do Núcleo Interdisciplinar de Música e Artes Visuais no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), se contextualiza na Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Monte Cristo com estudantes do 9º ano. Com base teórica freireana, foi realizado um mapeamento cultural com o corpo discente e constatada a relevância do Hip Hop para a constituição da identidade cultural daquela turma. Assim, a proposta teve como tema central a criação de atividades interdisciplinares voltadas à área de conhecimento do Hip Hop, movimento cultural multimodal que congrega diferentes manifestações artísticas combinando linguagens verbais, sonoras, visuais e corporais, em um sistema cultural dinâmico e interativo. Partindo dos preceitos pedagógicos sobre a importância de se trabalhar conteúdos e contextos nos quais os alunos já estão inseridos e familiarizados, mas não se limitando a eles, aliados à Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, a metodologia foi desenvolvida e organizada em três etapas: a apreciação e o reconhecimento dos pilares do Hip Hop, como o DJ, o Break, o Grafite e o MC; a contextualização e a história do movimento e de suas vertentes; e o fazer artístico, tendo como base a aplicação do conhecimento adquirido através da produção artística. Os encontros possibilitaram aos estudantes uma quebra da rotina, marcada por aprendizados significativos dentro de um movimento no qual a maioria dos alunos já se encontra inserida. Sendo possível desenvolver o debate e a reflexão a partir do teor das críticas sociais expostas pelo movimento, bem como o desenvolvimento do pensamento crítico dos discentes, que se mostraram engajados com o conteúdo ao longo de todo o processo. Conclui-se que o Hip Hop, como um conjunto de manifestações e linguagens artísticas urbanas, mostra rico potencial de engajamento e engloba diferentes realidades que se apresentam no ambiente escolar.

Palavras-chave: PIBID, Interdisciplinaridade, Hip Hop.

1 Graduando do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, jonas.goulart@ufrgs.br;

2 Graduada pelo Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS, fernanda.tavares@ufrgs.br;

3 Docente do Departamento de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Doutora em Informática na Educação PPGIE/UFRGS e UCL/Londres. Luciane.cuervo@ufrgs.br



INTRODUÇÃO

Este relato de experiência foi construído por estudantes de Licenciatura em Música que fazem parte do do Núcleo Interdisciplinar entre Artes Visuais e Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Considerado o maior programa de formação de professores do Brasil, o PIBID é vinculado ao Governo Federal brasileiro, gerido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

O Núcleo Interdisciplinar Música e Artes Visuais do PIBID possui acompanhamento e coordenação presentes, e se reúne regularmente para discussão de textos, elaboração e apresentação colaborativa de estudos, planejamentos e relatos de observação e trabalho (Cuervo, 2025). Como recurso complementar de organização material, adotamos o Moodle Colaboração UFRGS como ambiente virtual de ensino e aprendizagem (AVEA), onde também encontramos templates de documentos, textos de consulta, entre outros materiais formativos.

Como autor basilar do nosso Núcleo Interdisciplinar, encontramos em Paulo Freire (1996) a valorização do pensamento crítico, da autonomia e das trajetórias dos nossos alunos. Para Freire (1996), é fundamental promovermos a assunção da identidade cultural dos educandos, o que desenvolvemos através de mapeamentos culturais em cada início de semestre letivo nas escolas parceiras. Neste contexto, temos refletido sobre as aulas de artes, e como as comunidades escolares a encaram, pensando que música vai muito além de recreação, do entretenimento, pois é uma linguagem artística na qual aprofundamos nossa formação e dedicação.

Tivemos como proposta elaborar um plano de aula para a turma com a qual estávamos acompanhando ao longo do semestre com a temática “Cartografias Sonoro-Visuais - Nossas memórias afetivas” (Cuervo, 2025). O plano foi aplicado para uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental na aula de música, ministrada pela professora (e nossa supervisora à época) Caroline Ponso. A proposta era para três encontros para que pudéssemos desenvolver a atividade. Buscamos pensar na aula procurando abranger o perfil da turma que era muito eclética, indo do sertanejo ao rap, do samba ao pop.

A escola em que pudemos acompanhar é a EMEF Vila Monte Cristo, situada no bairro Vila Nova, em Porto Alegre (RS). Foi trabalhando durante cerca de oito meses com a turma, que pudemos perceber que o Rap como gênero musical é algo que liga todos os alunos da



sala. Gostam tanto de compositores mais contemporâneos como *Matuê* e *Baco Exu* do Blues, como os mais antigos, como Racionais MC's, ou Marcelo D2.

Segundo Freire (1996), o ato de ensinar não vem da mera transferência de informações, mas da construção da possibilidade de obtê-las. Neste sentido, é necessário estar disposto a construir estas possibilidades no universo que engloba o estudante, e a partir daí, elaborar o conhecimento que transforma e reflete. Escolhemos apresentar o movimento Hip Hop de forma mais ampla, pois considerando os gostos musicais dos estudantes, percebemos que o mesmo faz parte de seus cotidianos, e a apresentação de suas diferentes formas de expressividade, que vão além da aula de música, constitui uma importante partilha da interdisciplinaridade para a bagagem cultural dos alunos.

Percebemos diferentes comportamentos em sala de aula, encontrando personalidades mais extrovertidas, outras mais reservadas, alguns tipos de afrontamentos, e exercício de limites na sala de aula. Este contexto nos desafia a pensar fronteiras entre liberdade e licenciosidade, marcando diferenças entre autoridade e autoritarismo, como prova Freire (1996):

A autoridade coerentemente democrática, fundando-se na certeza da importância, quer de si mesma, quer da liberdade dos educandos para a construção de um clima de real disciplina, jamais minimiza a liberdade. [...] A autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos silenciados, mas no alvoroço dos inquietos, na dúvida que instiga, na esperança que desperta.” (Freire, 1996, p. 36)

Entre as manifestações culturais mais evocadas em sala de aula, encontramos o Hip Hop, como engajamento cultural interdisciplinar por natureza. O Hip Hop é um movimento cultural que ganhou força nos Estados Unidos em 1970, e logo se espalhou pelo mundo como um fenômeno global, tendo como seus pilares o *MC*, o *DJ*, o *Break* e o *Graffiti*. Nasceu como um movimento de expressão para pessoas da periferia, e em pouco tempo se expandiu para virar uma manifestação cultural que é responsável por formar a identidade de milhões de pessoas ao redor do mundo. Melucci (1997, apud Menezes *et al.*, 2020) explica que por constituir uma identidade coletiva e uma forma de expressão, o Hip Hop possui elementos do reconhecimento, sendo uma forma de partilhar e expressar a estigmatização e as dificuldades do dia a dia. Ao mesmo tempo, é um movimento que faz refletir a atual ordem social, demonstrando causar efeito nas relações políticas voltadas a esta parcela da população. (MELLUCCI, 1997; 2001 apud MENEZES *et al.*, 2020, p.7).

Entre grafiteiros e pichadores há também discursos que se diferenciam. Furtado e Zanella (2009) fazem esta investigação comparativa, constatando que ambos grupos ressaltam



diferenças que marcam suas atividades. Embora ambas as atividades sejam formas de intervenção urbana, possuem regramentos e códigos próprios. Enquanto educadores, podemos resumir ao fato de que uma manifestação é considerada artística, autorizada e incentivada por leis de cultura, a outra é criminalizada e marginalizada.

Dialogando com a Abordagem Triangular, de Ana Mae Barbosa (2010), chegamos à conclusão de que o processo dos 3 pilares do conceito são importantes para que os estudantes possam não apenas refletir sobre os 4 principais temas do Hip Hop, mas também possam internalizar a interdisciplinaridade em seus processos criativos, contribuindo também para as aulas de música subsequentes, bem como possíveis projetos ao longo de suas vidas.

METODOLOGIA

O plano de aula foi construído tendo como direção a Abordagem Triangular, sistematizada por Ana Mae Barbosa (2008), que compreende o ensino a partir da articulação entre três principais eixos: a leitura, a contextualização e a produção. A partir das discussões de Fonseca *et al.* (2022), podemos entender a abordagem marcada pelos eixos da apreciação, contextualização e o fazer artístico. Nota-se que não há uma hierarquia entre estes três eixos, tampouco uma ordem a se seguir, sendo cada um destes independentes. Entretanto, a intersecção entre os eixos e a junção do aprendizado dado pelos mesmos, constitui o conhecimento de forma mais sólida. A abordagem triangular torna necessário trabalhar dentro da sala de aula o compreender e a reflexão sobre a imagem, partindo do real e das vivências que os alunos já possuem familiaridade e, assim, explorar o multiculturalismo de diferentes grupos, pensando a relação entre arte, vida e tempo.

Organizamos a metodologia de ensino em 3 principais aulas, focadas a apresentar um eixo da Abordagem Triangular por dia, com os seguintes objetivos: identificar os 4 pilares do Hip Hop, marcando a interdisciplinaridade das aulas; identificar o significado do movimento e suas contribuições sociais e históricas; compreender o contexto para realização de produções próprias e ocasionar a reflexão e a análise crítica dos teores políticos sociais expostos nas obras apresentadas.

Na primeira aula, buscamos começar com o eixo da apreciação. Fizemos uma seleção de diversos materiais expositivos, abrangendo os 4 pilares do Hip Hop, incluindo composições e criações antigas e atuais do Hip Hop, de modo que pudessem conhecer conteúdos que possivelmente nunca tivessem tido contato, mas também repertório com o qual pudessem se identificar. Realizamos debates e perguntas durante estas exposições, para



fomentar a reflexão e para que a interdisciplinaridade ficasse evidente nas diferentes vertentes do Hip Hop. Levamos para nossas rodas de conversas perguntas norteadoras como:

“Quais movimentos do Break se destacam e de que forma ele se difere de algum outro gênero de dança?”

“Qual a diferença entre o graffiti e a pichação?”

“Sem o DJ, existiria o MC?”.

Pudemos explicar a respeito dos subgêneros do RAP, bem como o teor ácido ou crítico de algumas letras apresentadas. Também temos problematizado no Núcleo Interdisciplinar PIBID as convergências e divergências entre os conceitos de pichação e graffiti. Neste sentido, cabe apontar que, embora tenham linhas teóricas divergentes, é preciso pensar sobre essa questão e o que extrapola nosso papel na escola.

Temos incentivada a abordagem legal e educativa baseada no ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), e somos regidos(as) por diretrizes e marcos formais ligados ao Ministério da Educação, ao Estatuto da Criança e do Adolescente, e nossa Carta Maior do País, nossa Constituição Federal. Neste sentido, o ECA não legitima ações que violem direitos de terceiros ou o patrimônio público.

É um desafio ao PIBID, em sua abordagem de ensino das artes, educar para a cidadania, valorizar a diversidade cultural e a bagagem dos estudantes, sem cercear a liberdade criativa e as manifestações culturais da turma. O fato de buscarmos não confundir liberdade com licenciosidade, como alertam Freire (1996) e Hooks (2020), nem autoritarismo com autoridade, nos mobiliza a priorizar o diálogo.

Assim, a aula foi marcada pela participação e escuta ativa dos estudantes para com os exemplos dados e para as discussões propostas com o grupo. Neste contexto, acreditamos que alcançamos os objetivos do trabalho e os princípios defendidos pelo nosso Núcleo pibidiano, ao incentivar a interação e o diálogo acolhedor, sem deixar de nos posicionarmos sobre os limites entre liberdade e licenciosidade.

Imagens 1 e 2. O que é um Sample?

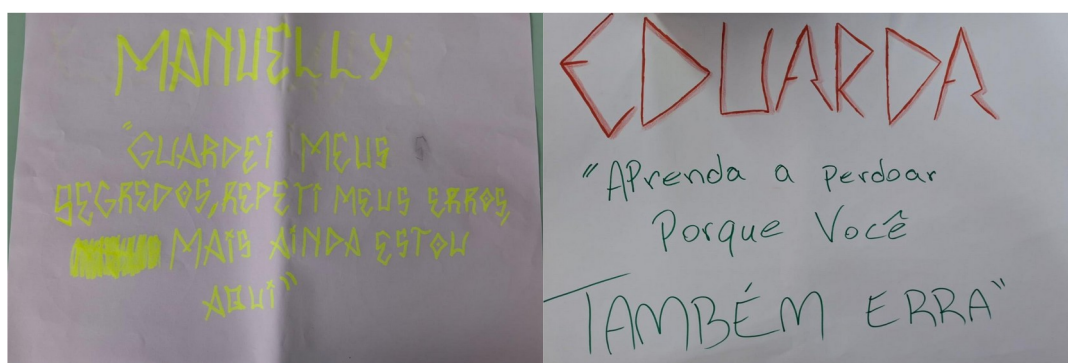




Fontes: Acervo dos autores. Foto: The Message - Grandmaster Flash.

A segunda aula teve uma temática focada na contextualização, mas também na produção artística. Em aula, com a utilização de *Chromebooks*⁴, foram realizadas pesquisas online sobre o movimento Hip Hop, o surgimento do DJ e do MC, e de como estes dois pilares conseguiram dar surgimento aos 2 pilares interdisciplinares remanescentes: o Break e o graffiti. Após a junção da contextualização com a apreciação e exemplos de fontes a utilizar para realizar a letra do graffiti, pedimos para que criassem ou pensassem em frases que representassem seus cotidianos ou em frases que representassem o que eles acreditavam ou o que gostavam, seguidos de seus nomes, para serem estilizados com letra de graffiti, de forma livre.

Imagens 3 e 4. Trabalhos dos alunos.



Fonte: Acervo Pessoal

A terceira aula, por assim dizer, acabou não sendo realizada de maneira propriamente oficial, pois contratempos com o final do semestre na escola nos impediu de realizar uma

⁴ O Estado do RS iniciou a entrega de 40 mil novos Chromebooks entre final de 2024 e início de 2025, somando-se a iniciativas anteriores, com investimento do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB) do Governo Federal.



produção artística de maneira mais convincente com o propósito de fechar nosso plano de aula. Entretanto, além da produção artística realizada na segunda aula, também pudemos trabalhar este tópico ao longo do semestre, pois algumas das músicas do repertório do Sarau Musical da turma em que estávamos, incluía músicas do gênero Hip Hop. Repertório este que, posteriormente, perto do final do ano de 2025, pôde ser apresentado ao público, após um semestre sendo trabalhado pelos estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A relação dos alunos com o conteúdo e o assunto tratado tornou-se importante para observar como eles recebiam a aula, principalmente por, naquele momento, haver dois professores em formação assumindo a partilha de conhecimentos, e também por se tratar de algo com o qual eles se identificavam e que conseguíamos relacionar com a música, as Artes Visuais e o Hip Hop. Com isso, percebemos que a identidade deles se mostrou presente durante os três encontros.

No primeiro momento do planejamento, voltado à apreciação, trouxemos como exemplo fotos de grafites da cidade de Porto Alegre e também imagens da internet. Os alunos se mostraram cansados e até um pouco desinteressados, mesmo sendo um assunto com o qual se identificavam. Esse cansaço pode estar relacionado ao fato de enxergarem a aula de música como um momento mais prático e de interação social, em comparação com aulas expositivas tradicionais. Além disso, trabalhamos a contextualização sobre a diferença entre grafite e pichação. Durante essa parte da aula, perguntamos aos alunos como eles encaravam essa questão e qual era o seu posicionamento. Dois alunos apresentaram opiniões distintas: um compreendia a pichação como um ato ilegal, enquanto o outro a via como uma forma de manifestação e expressão artística.

Foram apresentados a eles diferentes estilos musicais dentro do Hip Hop, como o rap do Brasil e dos Estados Unidos, os MCs e o uso de samples. Algumas das músicas trazidas eram mais recentes e próximas da realidade dos alunos, como, por exemplo, o cantor Baco Exu do Blues e o projeto Poesia Acústica (projeto musical que reúne MCs com instrumentação acústica). É importante, nesse processo educacional, que os estudantes se vejam incluídos na aula, com suas bagagens e interesses, promovendo assim uma troca entre docente e discente.

No momento da atividade prática, foi proposto aos alunos que desenvolvessem um grafite em uma folha de ofício. Sugerimos que escrevessem seu nome ou uma frase que os representasse. Durante a produção artística, surgiram diversas inseguranças por parte deles em



relação ao que estavam fazendo. Demonstraram dúvidas sobre a qualidade do trabalho, questionando se estava bom ou bonito, além de afirmarem que não sabiam o que colocar no papel. Pudemos perceber como a arte (assim como outras áreas) pode evidenciar nossas seguranças e inseguranças, especialmente diante de ideias pré-concebidas sobre o que é bonito ou feio.

Poucos optaram por escrever o próprio nome em letras de graffiti, o que pode indicar uma menor identificação consigo mesmos ou uma dificuldade em reconhecer o próprio potencial e autoria. Isso levanta questionamentos importantes: será que eles se veem como artistas? E, caso sim, conseguem se reconhecer como autores de seus próprios trabalhos?

O lado artístico dessa turma de 9º ano mostrou-se muito presente ao longo do ano, o que torna esses questionamentos ainda mais relevantes. Foi possível perceber o vínculo que possuem com a arte e a cultura, especialmente com a música, já presente na identidade de cada um. Esse vínculo também foi incentivado pela escola e pela professora titular da turma. Houve, inclusive, o relato de um aluno que afirmou que seu interesse pelo graffiti surgiu a partir do incentivo de seu pai, que o apresentou a essa forma de arte. Atualmente, isso se reflete em seu gosto musical, artístico e até em seu modo de se vestir.

A maioria dos alunos optou por escrever frases, muitas delas com conteúdos relacionados à motivação, fé, perdão e resistência. Com isso, é possível observar o que o graffiti pode transmitir enquanto linguagem artística. Frases fortes sobre comportamentos, personalidades, presença e sentimento de pertencimento também marcaram as produções.

Foi possível notar ainda a predominância do uso de cores vivas nas produções, o que pode remeter à forma como eles percebem a vida, a arte e a si mesmos.

As frases produzidas foram (transcritas conforme escritas pelos discentes):

“Guardei meus segredos, repeti meus erros, mas ainda estou aqui”;

“Seu valor não depende da opinião dos outros”;

“Aprenda a perdoar porque você também erra”;

“A maior conquista da vida é estar em paz”;

“O falso se dá bem com todos, o verdadeiro não”;

“Não se mata”;

“Nem notou o sol se pôr e quer falar de amor!”;

“Jesus é o dono do lugar”;

“Eu achava que não tinha nada tão ruim quanto a fome”.

Segue, abaixo, as imagens das produções artísticas dos alunos:



Imagens Mosaico. Trabalhos dos alunos.



Fonte: Produções artísticas dos discentes do 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Monte Cristo. 2025. Acervo pessoal dos autores.

Apesar de o trabalho ter contemplado os quatro pilares do Hip Hop de forma integrada, foi no eixo da apreciação musical que as sonoridades ganharam corpo na sala de aula. Mais do que ouvir de passagem, propusemos uma escuta ativa das batidas, dos samples e das rimas, convidando os estudantes a perceberem o DJ como um artista que cria camadas rítmicas a partir de discos de vinil, beats eletrônicos e breaks de bateria. Durante as rodas de conversa, questionamos: "O que muda na música quando o MC acelera o flow ou quando o beat desacelera?" Percebemos que os alunos reconheciam de imediato a base do boom bap, com suas caixas e pratos marcados, e também se surpreendiam ao descobrir samples antigos de soul, funk e até de samba dentro de faixas de RAP atual. Essa escuta ativa, aliada à comparação entre subgêneros como o trap e o rap old school, permitiu discutir não apenas a estética sonora, mas também como a musicalidade do Hip Hop carrega território, memória e resistência.

A musicalidade, portanto, não foi tratada como fundo ou ilustração, mas como linguagem central da experiência estética. Ao apreciarmos faixas como "Rap da Felicidade" (Racionais MC's) e "Negro Drama", pedimos que os estudantes identificassem elementos como a repetição, a pausa, a dinâmica de voz e o papel do refrão coletivo — características que aproximam o RAP de uma tradição oral e percussiva, quase uma "batucada falada". Percebemos que muitos deles já tinham repertório musical do gênero, mas nunca haviam parado para escutar a produção sonora em camadas: o sample de cordas, o grave do sintetizador, a virada de bateria que anuncia a entrada do MC. Assim, a apreciação musical se



revelou um território fértil para conectar a Abordagem Triangular à realidade juvenil, pois ao mesmo tempo em que liam sonoramente as obras (apreciação), compreendiam suas origens nos bailes blacks e periféricos de Nova York (contextualização) e, posteriormente, se sentiram instigados a experimentar criar suas próprias rimas e batidas com objetos da sala (fazer artístico).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o Hip Hop, como um conjunto de manifestações e linguagens artísticas urbanas, mostra rico potencial de engajamento e engloba diferentes realidades que se apresentam no ambiente escolar, principalmente quando a música e as artes visuais se entrelaçam no ensino.

A potência interdisciplinar, defendida pelo Núcleo Interdisciplinar Música e Artes Visuais do PIBID no Instituto de Artes da UFRGS, foi contemplada de forma consistente, pois a cultura Hip Hop permite acolher e apreciar diferentes tipos de manifestações em formatos multimodais.

Visto o resultado das produções artísticas, é notável como quando o aluno tem sua identidade e contexto social incluídos dentro da sala de aula, pois, faz com que sejam produtores de conhecimentos e saberes que afirmam a sua identidade.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) pelas oportunidades dadas a nós como discentes da universidade e bolsistas do PIBID. À nossa coordenadora Luciane Cuervo pela orientação até aqui e para a supervisora da EMEF Monte Cristo, Caroline Cao Ponso, pelo acompanhamento ativo durante as aulas na escola.

REFERÊNCIAS



BARBOSA, Ana Mei. Apresentação. In: BARBOSA, Mei; CUNHA, Fernanda Pereira da (Org.). **A Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

BARROS, Ângelo Roberto Silva. Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais: uma breve revisão. **Anais do XXVI CONFAEB**. Boa Vista. 2016. Disponível em: <https://www.pedagogiapaaraconcurseiros.com.br/wp-content/uploads/2019/12/BARROS-Angelo-1.pdf>.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e dá outras providências. D.O.U, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm.

CUERVO, Luciane. **Núcleo Interdisciplinar Música e Artes Visuais — 2025: Plano de Aula Colaborativo "Cartografias Afetivas - Nossas Identidades Sonoras e Visuais"**. Porto Alegre: UFRGS/CAPES/PIBID, 2025. 13 p.

DA SILVA, Tharciana Goulart; LAMPERT, Jocielle. **Reflexões sobre a Abordagem Triangular no Ensino Básico de Artes Visuais no contexto brasileiro**. 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/39318518/Reflex%C3%B5es_sobre_a_Abordagem_Triangular_no_Ensino_B%C3%A1sico_de_Artes_Visuais_no_contexto_brasileiro_Reflections_on_the_Triangular_Approach_in_Primary_School_of_Visual_Arts_in_the_Brazilian_context

FONSECA, A. N. DA; SOUZA, V. R. L. DE; OLIVEIRA, L. D. DE. **Abordagem Triangular e Processo Criativo**. Revista GEARTE, v. 9, 16 out. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURTADO, J. R.; VIEIRA ZANELLA, A. Graffiti e Pichação: Relações estéticas e intervenções urbanas - DOI 10.5216/vis.v7i1.18123. **Visualidades**, Goiânia, v. 7, n. 1, 2012. DOI: 10.5216/vis.v7i1.18123. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/18123>. Acesso em: 9 out. 2025

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. Tradução de Bhuvi Libanio. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2020.

MENEZES, J. D. A., Costa, M. R., & Ferreira, D. D. F. T. (2010). **Escola e movimento hip hop: o campo das possibilidades educativas para a juventude**. ETD Educação Temática Digital, 12(esp), 83-106.

